



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios

DO POPULAR AO LÚDICO: LUGARES URBANOS EM TRANSFORMAÇÃO

GOMES, Bruno

Mestre em Antropologia

ISCTE/IUL

bmsgomes@gmail.com

Resumo

Com base numa investigação de doutoramento em curso, o propósito deste texto é discutir algumas das implicações dos processos de transformação urbana nas identidades e quotidianos locais.

Num contexto de competição global, os municípios vêem-se perante a necessidade atrair cada vez mais visitantes. Nesse sentido, temos vindo a assistir nas nossas cidades a processos de reabilitação e revitalização dos centros históricos urbanos e à transformação destes lugares em territórios lúdicos. Estes processos de ludificação têm implicações que vão muito além da transformação do espaço urbano e às quais só uma etnografia da rua permite aceder. A rua é o lugar onde se revela o sentido que a interação urbana quotidiana tem para cada cidadão. Só ao nível da rua é possível compreender como são vivenciadas essas transformações, como levam ao reequacionar de papéis, ao repensar de representações, à reorganização de redes de sociabilidade e vizinhança, mas também ao modo como estas transformações afetam o lugar e a cidade.

O caso empírico é a Rua da Bica Duarte Belo, no bairro da Bica, lugar que a partir do final da década de 1990 sofreu uma profunda transformação. Surgiram inúmeros bares e restaurantes que o transformaram num espaço de diversão noturna. Esta transformação parece ter criado dois mundos distintos e separados cuja coabitação implica usos do espaço público que podem ser contrastantes e por vezes até conflituosos.

Abstract

Part of an ongoing PhD research, the purpose of this text is to discuss some of the implications of urban transformation in everyday local life and identities.

In a context of global competition, cities face the need to attract an increasingly higher number of visitors. Accordingly, we have been witnessing the rehabilitation and revitalization of urban historical centers and their transformation into recreational areas. What these transformations implicate goes far beyond spatial embellishments and the only way to fully understand it is through an ethnography of the street. The street is the place where the sense that everyday urban interaction has to each townsman is revealed. Only at street level can we understand how these transformations are experienced. How they force people to reconsider their social roles and rethink self-images, how they require a reorganization of social networks, but also the manner in which these transformations affect, not only the quarter but also the whole city.

The case study is Rua da Bica Duarte Belo, in the Bica quarter. Since the late 1990's this historical neighborhood has undergone a profound transformation. Numerous bars and restaurants have emerged and transformed the street in an area of nighttime leisure. This transformation appears to have created two separate and distinct worlds whose cohabitation involves contrasting and, sometimes, conflicting uses and appropriations of public space.

Palavras-chave: Transformação urbana; territórios lúdicos; bairro; rua; antropologia urbana
Keywords: Urban transformation; recreational areas, neighborhood, street, urban anthropology

Introdução

Num tempo marcado pela ideia de globalização, a centralidade do bairro, não só não desapareceu como se viu reforçada. Assiste-se mesmo a um “movimento de revivalismo e de regresso ao Bairro, quer por parte do poder político e económico, quer por parte de determinados grupos sociais” (Gato, Ramalhete, & Soares 2011, 2). Como Rogério Proença Leite assinala, apesar de as políticas públicas de enobrecimento urbano pretenderem favorecer a multiplicidade de usos do espaço público, acabam por promover uma convivência marcada pela desigualdade das possibilidades de uso desse mesmo espaço público (2006). Heitor Frúgoli define estes processos de enobrecimento urbano, ou *gentrification* como aqueles em que “grupos de moradores de classes média e alta conseguiram, com distintos graus de intervenção do poder público, se apropriar de quarteirões de bairros centrais antes marcadamente populares e imprimir novos usos, instituindo formas particulares de interação nas ruas (...)” (2007, 29).

O geógrafo Tom Slater (2002) chama a nossa atenção para dois sentidos do termo *gentrification*. Por um lado, há os que o pensam a partir das ações de intervenção das políticas públicas sobre áreas degradadas e, por outro lado, os que o pensam a partir das práticas de consumo de uma nova classe média atraída pela centralidade desses lugares. Independentemente da abordagem adotada “o enobrecimento urbano não deixa de ser uma modalidade contemporânea de higienismo” (Rubino 2009, 37) uma forma de eliminar do campo de visão as imagens indesejadas, aquelas que não queremos que façam parte da identidade da cidade (Gomes 2011a; Gomes 2011b). Os processos de reabilitação e revitalização dos centros históricos urbanos têm, em muitos casos, o objetivo claro de aí desenvolver a indústria turística (Sieber 1997). Grande parte das vezes estas requalificações urbanas correspondem a uma *ludificação* do espaço, isto é à criação de “uma nova dinâmica nos usos do espaço humanizado que amplia e diversifica a lógica de apropriação resultante dos históricos processos de urbanização” (Baptista 2005, 47).

O lugar privilegiado para observar a multiplicidade de usos do espaço gerada pelo tal “movimento de revivalismo e de regresso ao Bairro” (Gato, Ramalhete, and Soares 2011), é a rua. A rua é muito mais que uma via de comunicação que liga um ponto a outro e através da qual o cidadão percorre a cidade (Lynch 1990). A rua é um “campo de possibilidades *infinito*” (Ferro 2011, 266), é “onde se produz sociedade, a rua que tantas vezes se inventa para além do enquadramento urbanístico que a envolve e que assim nos surpreende” (Cordeiro and Vidal 2008, pp. 9-10). “A rua que interessa e é identificada pelo olhar antropológico é recortada desde outros e variados pontos de vista, oferecidos pela multiplicidade de seus usuários, suas tarefas, suas referências culturais, seus horários de uso e formas de ocupação” (Magnani)¹. Este é também o sentido das reflexões que Michel Agier apresenta em *Antropologia da Cidade* (2011)². “É a rua à escala de quem a vive (...) onde se produz sociedade, a rua que tantas vezes se inventa para além do enquadramento urbanístico que a envolve e que assim nos surpreende” (Cordeiro and Vidal 2008, pp. 9-10).

De fora e de longe³

As representações que os discursos turísticos constroem das cidades são o resultado de uma série de processos de edição, isto é, processos de selecção de elementos-chave que realçam determinadas características em detrimento de outras que são disfarçadas ou, até mesmo, completamente excluídas. A cidade dos guias acaba por se apresentar através de lugares comuns, de clichés e estereótipos, constituindo-se em evidências, gostos, tendências de mercado” (Gonçalves 2008, 5). Podemos dizer que os guias e roteiros constroem uma cidade de papel que, pelo menos do ponto de vista do que a visita e recorre aos guias para a conhecer, acaba por se sobrepor à cidade do quotidiano (Vidal 2005).

Os guias e roteiros turísticos ensinam o que ver e como ver, constroem percursos que conduzem de um “ponto de interesse” a outro evitando todas as imagens indesejáveis, não deixando espaço à descoberta ou ao acaso, mantendo o visitante no bom caminho. Constroem uma imagem romanceada, construída em torno da história e cultura da cidade.

Essas imagens românticas sobrepõem-se à da degradação dos edifícios, à pobreza e à marginalidade e produzem imaginários que vão sendo apropriados pela própria cidade. Esses imaginários vão sendo integrados nas suas formas de auto-representação que passa a ser feita, não apenas em termos da ligação emotiva aos lugares mas também em termos da noção de património histórico vinda do exterior do lugar (Costa 1999).

Dado o peso que indústria turística tem na economia, os municípios enfrentam a necessidade de atrair cada vez mais visitantes. Nesse sentido, apostam na reabilitação e revitalização dos centros históricos urbanos, áreas que por serem mais antigas enfrentam problemas de degradação mas que têm um elevado potencial turístico, desde logo, porque estas são zonas ligadas às origens históricas das cidades. O estado de degradação em que muitas vezes se encontram esses centros urbanos, apresenta-se aos municípios como uma oportunidade de reinventar esses “lugares vistos sob o ponto de vista lúdico. Há a pretensão de os conceber como objectos lúdicos, atraentes e únicos na medida em que têm algo a revelar de particular quanto à sua história, à sua fisiologia, à sua actualidade” (Baptista 2005, 55). É uma oportunidade de os transformar em função das construções produzidas pelos discursos turísticos, de os dotar de “serviços e infra-estruturas orientadas, não à população residente, mas a uma massa anónima e heterogénea (...) de usuários urbanos” (Pujadas 2005, 37).

Lisboa é disso um bom exemplo. Com um centro histórico bastante antigo e degradado, onde são muitos os edifícios que apresentam fracas condições de habitabilidade, tornou-se urgente actuar para reverter a situação. Para além do seu valor histórico, simbólico e patrimonial, a localização privilegiada destes lugares, tradicionalmente ocupados por classes populares, acrescenta-lhes ainda mais valor, tornando-os ainda mais atractivos, não apenas para as classes consumidoras, mas também para investidores da indústria turística e imobiliária.

Lisboa assume-se como uma cidade de bairros (CML 2002, 62) e é por essa razão que estes lugares são alvo de especial atenção por parte do município. Ao longo dos anos têm vindo a ser criadas e implementadas uma série de políticas e programas que incidem sobre os bairros chamados históricos, típicos ou populares da cidade. Nessas políticas e programas é notória, por parte da autarquia, uma preocupação muito grande com a imagem do lugar, isto é, os programas incidem, em grande medida, na reabilitação e revitalização urbana dos bairros propondo-se regular, desde os usos que se podem fazer dos espaços até às características arquitectónicas dos edifícios (altura, tipos de estrutura e aspecto das fachadas). Os com programas zelam pela manutenção de uma determinada harmonia arquitectónica que se pretende atingir e que vai ao encontro da imagem idealizada da cidade de papel (Vidal 2005) construída pelos guias.

Essa imagem deverá servir de base ao projecto de afirmação da cidade de Lisboa “como uma cidade fortemente atractiva para o turismo (...) em resultado dos traços distintivos da dimensão cénica, amenidades ambientais, morfologia urbana e identidade e cultura”(CML 2009, 12), características, aqui definidas como factores de atracção turística e vêm-se, também, reflectidas nos Planos Municipais de Ordenamento do Território.

Estas acções passam pela implementação de uma “estratégia ambiciosa de reabilitação urbana para toda a área consolidada da cidade” (CML 2011, 30) que passa pela reabilitação e revitalização das áreas históricas, pela qualificação das malhas urbanas consolidadas, pela intensificação da ligação da cidade ao rio, pela consolidação de um sistema de vistas e de pontos de vista notáveis e, no sentido de combater o esvaziamento da zona central da cidade, uma estratégia que passa pela “aposta na requalificação de lugares de sociabilidade numa lógica de bairro”(CML 2011, 41).

Procura-se criar, tanto quanto possível, lugares esteticamente harmoniosos e tão fiéis ao original quanto possível. Por via da regulamentação obriga-se, de uma forma quase higienista, à remoção dos elementos que contaminem a imagem idealizada para o lugar. É o caso dos aparelhos de ar condicionado, das antenas de televisão e dos graffiti. A remoção de todos os indícios da contemporaneidade do lugar histórico parece uma forma de tornar o lugar mais verdadeiro criando uma imagem que pretende remeter para o passado.

As transformações ali operadas, “além de modificar de maneira drástica as referências espaciais e simbólicas da comunidade, geram processos de alteração dos fluxos humanos e mercantis, estreitando e retirando o controle do espaço aos seus antigos moradores” (Pujadas 2005, 36).

O bairro da Bica parece ser um exemplo paradigmático dessa transformação drástica. Até há cerca de 15 anos, a Bica era um lugar sossegado com fraca visibilidade social. No entanto, o elevado número de estabelecimentos de diversão nocturna que ali surgiu veio acabar com a pacatez e gerar novas dinâmicas de uso do espaço e, por isso, gerar conflitos entre os proprietários dos bares e os moradores provocados em grande medida pelo ruído e pelo lixo que se acumula nas ruas.

Tanto no que diz respeito às imagens construídas pelos discursos turísticos, como àquelas construídas pelas políticas de gestão urbana, e tal como Sieber foi encontrar em Boston (Sieber 1993) ou Cooper em Toronto (Cooper 1993), assiste-se a uma transformação de significados e a uma valorização da paisagem, que neste caso é urbana. Através de um trabalho de produção de memória promove-se a “sacralização de idiosincrasias artificiais” (Delgado 2007, 67)⁴. De fora e de longe (Magnani 2002) constroem-se assim lugares que parecem existir apenas para ser visitados.

Nas ruas da Bica

O bairro da Bica é um dos bairros mais típicos de Lisboa que até há pouco mais de uma década se podia considerar um lugar com fraca visibilidade social (Costa 1999) mas que, desde 1997, tem vindo a sofrer profundas mudanças.

A transformação não é um fenómeno estranho na Bica. O próprio “nascimento” do bairro é marcado por um fenómeno geológico que no final do século XVI transformou profundamente a paisagem lisboeta. Mais tarde, em finais do século XIX, outro acontecimento viria a alterar a paisagem de um modo definitivo. Em 1892 foi inaugurado na Bica um ascensor que hoje se encontra classificado como Monumento Nacional (Ministério da Cultura 2002). Em meados do século XX outro momento viria a marcar profundamente o bairro. Em 1952, por via da sua participação no concurso das Marchas Populares de Lisboa, a Bica transforma-se em bairro popular. Para além destes momentos marcantes da história do bairro, outros, menos notados mas nem por isso menos interessantes e importantes, foram acontecendo. Novos edifícios foram construídos e outros foram crescendo em altura graças ao acréscimo de andares.

A população cresceu devido à chegada de Ílhavos, Ovarinos e Murtoseiros, no entanto, até ao início do século XX, a Bica terá sido maioritariamente ocupada por algarvios. Esta população economicamente desfavorecida fixou-se nos bairros ribeirinhos mantendo-se ligada à actividade marítima que foi a actividade predominante até finais da década de 1920. No período entre 1927 e 1945 nota-se um crescimento das actividades artesanais e, ao mesmo tempo, também se nota um crescente número de caldeireiros, fundidores de metais, canteiros e, mais tarde, electricistas, tipógrafos e serralheiros dada a especialização portuária e industrial da zona ribeirinha que é uma zona “especialmente atractiva pelas facilidades de transporte e água que proporciona (...) na Boavista instalam-se fundições, serralharias, fábricas de gás e de aparelhar madeiras”. (Pinheiro 1990).

Tal como Graça Cordeiro as descreveu em *Um Lugar na Cidade* (1997), as sociabilidades no bairro da Bica giravam em torno de alguns comércios tradicionais e de três colectividades: o Marítimo Lisboa Clube, Grupo Excursionista Vai-Tu e o Zip-Zip. A zona comercial do bairro era, à semelhança do que se passa ainda hoje, a Rua da Bica Duarte Belo. Era ali que se podiam encontrar grande parte dos estabelecimentos comerciais do bairro, entre eles, as tascas, poiso frequente dos residentes e algumas lojas como a Casa dos Botões, algumas mercearias e algumas oficinas de artífices.

Hoje, o bairro atravessa um período de transição que tem o seu epicentro na Rua da Bica Duarte Belo que se encontra agora, quase na totalidade ocupada por bares e alguns comércios alternativos. Pode-se dizer que se assiste a uma reorganização desta parte da cidade para os novos consumidores, à sua reinvenção sob o ponto de vista lúdico (Baptista 2005).

Na Rua da Bica Duarte Belo existem hoje 15 estabelecimentos comerciais em funcionamento: um sapateiro, uma loja de congelados, dois cafés / restaurantes, um cabeleireiro, um espaço de caracterização e maquilhagem e nove bares. Este processo de transformação obriga à reorganização das redes de sociabilidade locais. Desde logo porque implica a saída de cena de alguns actores sociais que fazem parte do tecido social o bairro e o encerramento dos lugares de sociabilidade o que obriga à procura de novos lugares de sociabilidade e, consequentemente ao alargamento, à contracção dessas redes ou, até mesmo à criação de novas. Do mesmo modo, a entrada em cena de novos actores sociais e lugares de sociabilidade leva à criação de novas redes ou à ampliação das existentes.

No caso da Bica, estas transformações criaram inúmeros lugares de sociabilidade onde se pode incluir a rua e trouxe à cena uma série de novos actores, aqueles que frequentam os bares. No entanto, à primeira vista, este processo parece ter criado dois “mundos” (Velho 1999; Frúgoli 2007) contrastantes onde podemos encontrar “uma pluralidade de usos contraditórios e conflituosos” (Leite 2006, 30), num mesmo espaço denso.

Durante o dia as ruas encontram-se praticamente desertas e as sociabilidades parecem girar em torno do café / restaurante Alto Minho, da Casa Liège e do cimo da Rua da Bica Duarte Belo, junto à casa das máquinas do elevador onde é frequente encontrar grupos de homens à conversa ou a jogar à moeda. Para isso contribuem, não só o facto de os comércios, na sua maioria bares, só abrirem as portas à noite mas também a existência do elevador. O ascensor da Bica foi ali colocado em 1892 para ajudar os lisboetas a vencer a íngreme inclinação que liga o Largo do Calhariz à Rua de São Paulo. Mas, se por um lado, se constitui como o elemento marcante (Lynch 1990) do bairro da Bica, a sua grande atracção turística, por outro lado acaba por lhe tirar vida. O seu constante sobe e desce e o facto de este ocupar quase toda a largura da rua não permite outras utilizações do espaço. Ao mesmo tempo, há que considerar também que o ascensor atravessa o bairro sem efectuar qualquer paragem no seu interior, pelo que acaba por funcionar como uma espécie de ponte entre o Calhariz e São Paulo transportando as pessoas, não para o bairro, mas através dele.

Com a chegada da noite o lugar torna-se quase irreconhecível. A ausência de trânsito automóvel e a interrupção do serviço do ascensor, libertam a rua para outros usos. À semelhança do que acontece no vizinho Bairro Alto, os espaços têm dimensões muito reduzidas, pelo que, na Bica, a noite é passada na rua, de bar em bar. O espaço da rua torna-se assim uma extensão dos bares e é na rua que as pessoas se reúnem à conversa até altas horas da noite.

É preciso ter em conta no estudo deste território o impacto desta transformação nas identidades locais e nos sentimentos de pertença. A Bica é um dos bairros populares de Lisboa e a Rua da Bica Duarte Belo é uma parte integrante desse bairro. No entanto, a sua localização geográfica, entre a Calçada da Bica Grande, “o núcleo duro, um centro vital do bairro” (Cordeiro 1997, 95) e o Bairro Alto, território lúdico (Baptista 2005), bem como o teor das recentes transformações, poderão tê-la afastado da primeira ao mesmo tempo que a aproximaram do segundo. Estas sua posição liminar tornam importante perceber qual é afinal a sua “localização simbólica”. Sabendo que “um mesmo espaço pode ser identificado com diferentes designações, as quais reencaminham para referências sociais, culturais ou temporais específicas” (Vidal 2008, 66), é importante perguntar de que modo a rua é percebida a partir destes dois lugares. Onde é que a rua pertence localmente? Está simbolicamente mais próxima do Bairro Alto ou da Bica de Baixo, ou se, pela sua localização, se constitui como uma espécie de *hors-lieu* (Agier 2011), um lugar fora do lugar, um espaço de transição na geografia desta área da cidade?

Às imagens pitorescas, aos “tipos populares”, às marchas e festividades, há agora que juntar novas imagens que contrastam com a ideia de bairro popular (Gomes 2011a), ideia que faz parte da “*textura cumulativa da cultura local*” (Suttles 1984) de Lisboa.

A Festa dos Santos Populares

É quase impossível falar de um bairro popular e deixar de fora as Marchas e Arraiais dos Santos Populares.

Enquanto às Marchas Populares se consegue atribuir uma data, uma vez que foram criadas no início dos anos 1930 pelas mãos de Leitão de Barros, as Festas dos Santos Populares parecem ter raízes mais profundas,

mais precisamente, no culto antoniano que terá tido início após a canonização do Santo (1232) que morrera menos de um ano antes em Pádua.

Por oposição às celebrações do S. João as celebrações dos festejos de Santo António compunham-se de cerimónias oficiais e religiosas. Os festejos eram claramente produção do poder urbano: da Igreja e da Câmara de Lisboa, por vezes com intervenção do rei, enquanto os de S. João se concentravam em torno das práticas rituais ligadas ao seu culto, como a queima de alcachofras, o saltar das fogueiras, marchas, danças e a erecção de mastros (Maria Eugénia Gomes, in Cordeiro 1997, 233).

No entanto, como Graça Cordeiro apurou (1997), já em finais do século XVIII, à margem das celebrações oficiais, festejava-se o Santo António em arraiais que surgiam um pouco por toda a cidade e onde se comia e bebia noite fora.

A partir dos finais do século XIX e até à implantação da República, os Santos Populares eram celebrados com bailes e arraiais um pouco por toda a cidade. A partir da implantação da República vive-se um clima conturbado e vai ser só a partir de meados dos anos 1920 que as Festas voltam à euforia habitual., pelo menos até 1932, ano em que é institucionalizado o modelo de Marchas que nas décadas de 1950 e 1960 viria a ter o seu apogeu tornando-se mesmo no principal ingrediente da festa. Esta década, foi a época dourada para as Marchas e, em particular para a Marcha da Bica que ganhou a competição nas três primeiras edições em que participou (1952, 1955 e 1958).

As Marchas sempre se afirmaram como um dos momentos mais altos das Festas dos Santos Populares apesar de, em particular a partir da década de 1970, terem perdido algum do seu protagonismo, no contexto dos festejos dos Santos Populares, para os arraiais, tendência que parece manter-se até hoje.

Nos últimos anos não tem sido muito diferente. As Marchas dos Santos Populares são um dos acontecimentos anuais mais esperados, não apenas na Bica e nos outros bairros populares de Lisboa, mas em toda a cidade como, de resto, pode ser visto no documentário *Gosto de Ti como és* (Firmino 2005). No entanto, para muitos lisboetas, as Festas de Lisboa são, de facto, sinónimos de arraiais.

Na noite de 12 para 13 de Junho, Lisboa não dorme. Bebe-se cerveja, come-se sardinha e ouve-se música até de madrugada. A cidade em peso parece deslocar-se para os arraiais dos santos populares e as ruas dos bairros enchem-se de gente que lá vai fazer a festa.

Algumas breves considerações finais

Este texto tem por base uma investigação de doutoramento que começa agora a dar os primeiros passos e por essa não se propõe apresentar conclusões. O que aqui se pretendeu fazer foi discutir algumas das implicações dos processos de transformação urbana nas identidades e quotidianos locais e levantar algumas questões que ajudem a apontar novos caminhos.

Os centros históricos das nossas cidades são de novo territórios atractivos, não só para habitação mas também para o investimento turístico (hotelaria, restauração e diversão nocturna) e imobiliário (reabilitação, construção e mediação). Muitas vezes degradados têm vindo a ser reabilitados e revitalizados e transformados em territórios lúdicos. Estes processos de ludificação têm implicações que vão muito além da transformação do espaço urbano e às quais só uma etnografia da rua permite aceder. A rua é o lugar onde se revela o sentido que a interação urbana quotidiana tem para cada cidadão. Só ao nível da rua é possível compreender como são vivenciadas essas transformações, como levam ao reequacionar de papéis, ao repensar de representações, à reorganização de redes de sociabilidade e vizinhança, mas também ao modo como estas transformações afetam o lugar e a cidade.

Os processos de *gentrification* e de ludificação dos territórios têm implicações que vão muito além das transformações físicas do espaço. Afectam, por um lado, os moradores desses territórios porque os transformam, porque mexem com os significados que esses lugares têm para eles. Significados e pertenças

que só uma etnografia da rua, só um “*olhar de perto e de dentro*, será capaz de identificar e descrever” (Magnani 2002, 17).

Referências Bibliográficas

- Agier, Michel. 2011. *Antropologia Da Cidade, Lugares, Situações, Movimentos*. Trans. Graça Cordeiro. Antropologia Hoje. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Baptista, Luís Vicente. 2005. “Territórios Lúdicos (e o Que Torna Lúdico Um Território): Ensaando Um Ponto De Partida.” *Forum Sociológico* (13/24). 2ª Série: pp 47-58.
- CML. 2002. “Lisboa 2012, Uma Visão Estratégica”. CML. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/index.php?ml=2&x=vis.xml>.
- . 2009. “Carta Estratégica De Lisboa 2010/2024. Um Compromisso Para o Futuro Da Cidade.” CML. <http://cartaestrategica.cm-lisboa.pt/>.
- . 2011. *Regulamento Revisão Pdm Lisboa*. http://pdm.cm-lisboa.pt/downloads/elementos_constituuintes/01_regulamento/01_Regulamento_com_Anexos.pdf.
- Cooper, Mathew. 1993. “Acess to the Waterfront: Transformation of Meaning on the Toronto Lakeshore.” In *The Cultural Meaning of Urban Space*, ed. Robert Rotenberg and Gary McDonogh, 157–171. London: Bergin & Garvey.
- Cordeiro, Graça. 1997. *Um Lugar Na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação No Bairro Da Bica*. Lisboa: Dom Quixote.
- Cordeiro, Graça, and Frédéric Vidal. 2008. “Introdução.” In *A Rua - Espaço, Tempo, Sociabilidade*, ed. Graça Cordeiro and Frédéric vidal, pp. 10-15. Horizonte Universitário. Lisboa: Livros Horizonte.
- Costa, António Firmino da. 1999. *Sociedade De Bairro. Dinâmicas Sociais Da Identidade Cultural*. Oeiras: Celta.
- Delgado, Manuel. 2007. *La Ciudad Mentirosa: Fraude y Miseria Del 'Modelo Barcelona?* Madrid: Catarata.
- Ferro, Lúcia. 2011. “Da Rua Para o Mundo: Configurações Do Graffiti e Do Parkour e Campos De Possibilidades Urbanas”. Tese de Doutoramento, Lisboa: ISCTE/IUL.
- Firmino, Sílvia. 2005. *Gosto De Ti Como És*. Laranja Azul.
- Frúgoli, Heitor. 2007. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Gato, Maria Assunção, Filipa Ramalhe, and Nuno Pires Soares. 2011. “A Multipli(cidade) Do Bairro.” In Lisboa: SICYurb. <http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/403/73>.
- Gomes, Bruno. 2011a. “A Rua e o Bairro Na Construção Da Imagem De Lisboa”. Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE/IUL.
- . 2011b. “A Rua e o Bairro Na Construção Da Imagem Da Cidade: Turismo e Transformação Num Bairro De Lisboa.” In Lisboa: SICYurb. <http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/264/121>.
- Gonçalves, Maria Estela. 2008. “A Lisboa Dos e Nos Guias Turísticos: Lisboa a Compor-se Ao Espelho”. Mestrado, Lisboa: ISCTE.
- Leite, Rogério Proença. 2006. “Margens Do Dissenso: Espaço, Poder e Enobrecimento Urbano.” In *As Cidades e Seus Agentes: Práticas e Representações*, ed. Heitor Frúgoli, Luciana Andrade, and Fernanda Peixoto. Temas Urbanos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas e Edições USP.

- Lynch, Kevin. 1990. *A Imagem Da Cidade*. Trans. Maria Cristina Tavares Afonso. Arte & Comunicação 15. Lisboa: Edições 70.
- Magnani, José Guilherme Cantor. “Rua, Símbolo e Suporte Da Experiência Urbana.” *Cadernos De História De São Paulo*. http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/rua_magnani.pdf.
- . 2002. “De Perto e De Dentro: Notas Para Uma Etnografia Urbana.” *Revista Brasileira De Ciências Sociais* Vol. 17 (Nº 49): pp. 11-29.
- Ministério da Cultura. 2002. *Lista De Classificação De Imóveis*. <http://dre.pt/pdf1sdip/2002/02/042B00/13641399.pdf>.
- Pinheiro, Magda. 1990. “Crescimento e Modernização Das Cidades No Portugal Oitocentista.” *Ler História* (nº 20): pp 79-108.
- Pujadas, Joan J. 2005. “Cidades Acolhedoras? Transformações Urbanas, Imaginários e Actores Sociais.” Ed. Luís Vicente Baptista and João Pedro Silva Nunes. *Forum Sociológico* (13/14). 2ª Série: pp. 31-46.
- Rubino, Silvana. 2009. “Enobrecimento Urbano.” In *Plural De Cidade. Novos Léxicos Urbanos*, ed. Carlos Fortuna and Rogério Proença Leite, 25–40. Coimbra: Almedina.
- Sieber, Tim. 1993. “Public Access on the Urban Waterfront: A Question of Vision.” In *The Cultural Meaning of Urban Space*, 173–193. Contemporary Urban Studies. London: Bergin & Garvey.
- . 1997. “Urban Tourism in Revitalizing Downtowns.” In *Tourism and Culture, an Applied Perspective*, ed. Erve Chambers. New York: State University of New York.
- Slater, Tom. 2002. “What Is Gentrification?” <http://members.multimania.co.uk/gentrification/whatisgent.html>.
- Suttles, Gerald D. 1984. “The Cumulative Texture of Local Urban Culture.” *American Journal of Sociology* Vol. 90 (Nº 2): pp. 283-304.
- Velho, Gilberto. 1999. “Os Mundos De Copacabana.” In *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade No Brasil e Em Portugal*. Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vidal, Frédéric. 2005. “A Hipotese Da Cidade Imóvel. Itinerários Urbanos Numa Perspectiva Comparada.” *Ler História* (Nº 48): 109–123.
- . 2008. “A Rua Como Lugar De Referência. Identificando Domicílios Em Lisboa No Século XIX.” In *A Rua - Espaço, Tempo, Sociabilidade*, ed. Graça Cordeiro and Frédéric Vidal, pp. 65-78. Horizonte Universitário. Lisboa: Livros Horizonte.

¹ Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em *Cadernos de História de São Paulo* 2, jan/dez 1993, Museu Paulista- USP.

² Diz o autor que a investigação antropológica urbana deve partir de “uma montagem de sequências da vida urbana retiradas de uma ínfima parte do curso real do mundo. O conjunto dessas informações representa uma espécie de cidade bis, como resultado dos procedimentos de coleta e arranjo dos dados urbanos” (Agier 2011, 59).

³ Magnani, José Guilherme Cantor. 2002. “De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” *Revista Brasileira de Ciências Sociais* VOL. 17 No 49 – pp 11-29

⁴ Tradução minha